



“HOMENS JOVENS MULTIPLICADORES”: O QUE GÊNERO TEM A VER COM USO ABUSIVO DE DROGAS E SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA?

Natália Cordeiro Guimarães¹

RESUMO

O objetivo do artigo é analisar o projeto “Homens jovens multiplicadores” realizado pelo Instituto Papai, nos anos de 2013 e 2014, que realiza oficinas com adolescentes e jovens da RPA-4 do Recife com vistas a diminuir a vulnerabilidade desta população diante de situações de violência e uso abusivo de álcool e outras drogas. O projeto baseia-se na ideia de que a forma como estão estruturadas as relações de gênero afeta o modo como homens jovens se relacionam com as drogas e com as situações de conflito. Neste sentido, busca intervir na realidade social através do estímulo ao pensamento crítico dos jovens sobre essa questão. O artigo investiga os três módulos do projeto (formação político-pedagógica em gênero, prevenção das violências e promoção da saúde; metodologia de educação de pares; e arte-educação para a cidadania com foco no teatro) através de entrevistas com os/as educadores/as e participantes e da participação periódica nas oficinas para compreender como se dão os processos de troca e a construção de formas alternativas de masculinidades. As considerações finais às quais se chega com a observação é que mesmo com algumas dificuldades vivenciadas no dia-a-dia do projeto, uma série de transformações vem ocorrendo na forma como os jovens percebem as questões de gênero e sua relação com demais aspectos da socialização.

Palavras-chave: Masculinidades. Álcool e outras drogas. Situações de violência.

INTRODUÇÃO

O projeto “Homens jovens multiplicadores” teve início em maio de 2013 tendo como objetivo gerar o envolvimento dos adolescentes e jovens homens com as questões e os serviços de saúde a fim de diminuir a vulnerabilidade desta população às situações de violência e ao uso abusivo de álcool e outras

¹ Graduanda em Ciência a Política pela Universidade Federal de Pernambuco e estagiária do Instituto Papai; natalia.c.guimaraes@gmail.com



drogas. Ele é executado pelo Instituto Papai, organização não governamental que desenvolve pesquisas e ações no campo das relações de gênero, saúde, educação, prevenção à violência de gênero e ação social, além de pesquisas em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco e outras instituições acadêmicas. O projeto é financiado pelo Ministério da Saúde e sua formulação se baseou na ideia de que a forma como estão estruturadas as relações de gênero influencia sobremaneira o modo como homens jovens se relacionam com as drogas e com as situações de conflito e é esta relação que será objeto de estudo deste trabalho.

Tradicionalmente a construção da identidade masculina – compreendida como o conjunto de atributos, valores e condutas esperado dos homens em uma determinada cultura – está associada às tendências de comportamentos que valorizam a virilidade. De acordo com Barbosa e Freitas (2013) a percepção e a representação do pênis como algo agressivo e com grande potencial violador estão profundamente enraizadas no pensamento social orientando um ideário de masculinidade que percebe o homem como naturalmente violento. Ainda segundo os autores, a violência constitui parte importante da identidade masculina, ela é extremamente relacional, pois é construída diante de outros homens e se mantém em constante oposição a tudo aquilo que for considerado feminino, numa espécie de medo de aproximação com qualquer coisa que possa remeter à feminilidade. Para Keijzer (2004) o modelo de comportamento masculino é aprendido desde a infância em processos informais de socialização que constroem uma concepção binária do gênero e da sexualidade. Para o autor essa “pedagogia do gênero” (p. 40) limita o autocuidado e o hetero-cuidado, o que se reflete na saúde dos homens, na forma como exercem sua sexualidade e a paternidade. A partir disto, consideramos que também o uso de drogas é influenciado por estes padrões de comportamento que moldam a concepção hegemônica de masculinidade; na medida em precisam demonstrar sua virilidade e desprezar formas de cuidado, os homens apresentam-se mais vulneráveis a experimentar drogas e a fazer uso abusivo das mesmas.



De acordo com os pressupostos da saúde coletiva, a juventude é compreendida como uma construção histórica e social que se estabelece a partir das contradições inerentes à organização social (LIMA, 2012), de modo que diferem entre si de acordo com a condição econômica, mas se assemelham sob o aspecto da condição geracional. Neste sentido, mesmo considerando as diferentes maneiras de ser jovem – diferenças de classe, regionais, religiosas – há em comum entre eles a expectativa de viver um momento de passagem que na maioria das vezes tem exigências que não são claras e demandas difíceis de serem concretizadas em relação à família, ao trabalho, ao consumo e ao lazer (JEÓLAS E PAULILO, 2000). Deste modo, potencializam-se as inseguranças e ansiedades, e de acordo com Douglas (1994, apud JEÓLAS E PAULILO, 2000) de maneira profunda, a ansiedade em relação ao risco.

Se baseando na complexidade que envolve o uso de drogas o Instituto Papai formou um grupo de vinte homens jovens oriundos da Região Político Administrativa 4 a fim de habilitá-los para realizarem ações de educação de pares e atividades de arte-educação sobre as temáticas de violência, drogas e saúde. Um dos objetivos do projeto é sensibilizar os jovens e adolescentes sobre formas não violentas de resolução de conflitos, redução de danos e equidade de gênero. Desta forma, visava-se fortalecer as iniciativas comunitárias, em especial aquelas ligadas ao campo da saúde do adolescente, na medida em que informações relevantes fossem disponibilizadas para os jovens para que estes passassem a contribuir com o cuidado de sua saúde e o exercício de seus direitos no Sistema Único de Saúde (SUS).

A forma proposta de viabilizar tais ações foi através de ferramentas lúdicas de aprendizado que sensibilizassem os jovens e adolescentes gerando reflexões críticas sobre seus comportamentos e atitudes diante das situações de violência, uso abusivo de álcool e outras drogas e cuidados com a saúde. Nesse sentido, o artigo investiga os três módulos do projeto através de entrevistas com os/as educadores/as e participantes e da participação



periódica nas oficinas para compreender como se dão os processos de troca e a construção de formas alternativas de masculinidades.

1. O contexto do projeto

O projeto Homens Jovens Multiplicadores atua na Região Político Administrativa 4 (RPA 4) da cidade do Recife que é formada por 12 bairros, sendo cada um deles composto por diversas comunidades pobres. Nelas, residem mais de 50% dos moradores da Região e segundo o Governo Estadual, os índices relacionados à violência e o tráfico de drogas nessas comunidades são um dos mais preocupantes desta RPA. De acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano do Recife de 2005, a realidade social das comunidades pobres da cidade do Recife caracteriza-se pelo atraso na educação formal, pela baixa renda, pelos altos índices de violência e tráfico de drogas e pelos poucos instrumentos de lazer. Neste sentido, as comunidades pobres que compõem a RPA 4 assemelham-se às demais situações de pobreza vivenciadas na cidade. Tais fatores comprometem sobremaneira a qualificação profissional e a construção da cidadania dos moradores dessas regiões, colocando-os numa situação de vulnerabilidade, em especial as crianças e adolescentes do sexo masculino, diante do tráfico de drogas, das situações de violência e do não cuidado de si e dos outros.

Em todo o Brasil, a população jovem masculina, tem se destacado como a maior protagonista das situações violentas, seja como perpetradora da violência ou como vítima dela. O segmento jovem, pessoas entre 15 e 29 anos, é o mais exposto às mortes por causas externas – principal causador de mortalidade nesta faixa etária. De acordo com o Mapa da Violência de 2014, em 2012 dos 77.805 óbitos juvenis registrados pelo SIM, 55.291 tiveram sua origem nas causas externas. Além disso, também são os homens os principais autores de crimes violentos: de acordo com o Departamento Penitenciário Nacional os homens encarcerados representavam, em 2007, 93,88% da população total de presos no Brasil. Outro importante dado apontado pelo



Mapa da Violência é a queda no número de homicídios da população branca simultânea ao aumento no número de vítimas na população negra. Essa tendência se observa tanto para o conjunto da população quanto para a população jovem especificamente, o que indica transformações na lógica interna da violência apontando para uma crescente seletividade social dos que vão ser assassinados.

Em relação à violência contra a mulher, de acordo com o IPEA (2011), entre os anos de 2009-2011, estima-se que ocorreram, 5.664 mortes de mulheres por causas violentas a cada ano, ou seja, 472 a cada mês, 15,52 a cada dia, ou uma a cada hora e meia; e Pernambuco ocupa o quinto lugar no ranking nacional de violência contra a mulher. Segundo o Instituto Avon e o Ibope (2009), 36% dos entrevistados acham que a violência doméstica ocorre por uma questão cultural, outros 38% atribuem a violência ao alcoolismo – essa percepção é especialmente factível nos grupos de menor escolaridade.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2012 (PeNSE), no que tange o uso de álcool as meninas fazem maior uso que os meninos: 26,9% e 25,2% respectivamente. Mas em relação ao uso de cigarro e drogas ilícitas os meninos são os que mais fazem uso dessas substâncias em comparação com as mulheres da mesma faixa etária – 8,3% e 6,4% respectivamente. Como já foi proposto, tal fato está intimamente relacionado com a forma como estão estabelecidos os papéis sociais de gênero que constroem a concepção hegemônica de masculinidade.

2. O projeto

O projeto é financiado pelo Ministério da Saúde e executado pelo Instituto Papai e visa promover um maior envolvimento dos adolescentes e jovens homens, com questões e serviços de saúde objetivando diminuir a vulnerabilidade desta população a situações de violência e uso abusivo de álcool e outras drogas, o projeto consiste na formação de um grupo de 20



adolescentes entre 14 e 18 anos, que os capacitará para desenvolverem ações de educação pares e campanhas comunitárias para o enfrentamento da violência e a prevenção ao uso abusivo do álcool e outras drogas. A programação do curso de formação contempla três módulos: o primeiro é a formação político-pedagógica em gênero, prevenção das violências e promoção da saúde; o segundo é metodologia de educação de pares; e o terceiro módulo é arte-educação para a cidadania com foco no teatro.

O projeto prevê a montagem, pelos jovens e educadores, de uma peça de teatro cuja temática é a relação entre os jovens, as drogas e a violência. Essa peça será encenada nas Unidades de Saúde da Família e demais espaços comunitários da RPA 4 do Recife que realizam ações voltadas para o público adolescente e jovem – como escolas, centros culturais etc. O mapeamento dessas localidades será feito pelos jovens juntamente aos educadores. As ações de educação de pares serão realizadas após a apresentação da peça, quando serão realizadas rodas de diálogo com o público sobre os temas abordados no espetáculo. Além disso, o projeto prevê a realização de quatro oficinas de educação de pares sobre violência e uso abusivo de álcool e outras drogas nos grupos mapeados. Também está prevista uma campanha comunitária cujo objetivo é potencializar o protagonismo dos adolescentes e jovens em atividades educativas e ações de *media-advocacy*. Além disso, será elaborado e publicado o segundo número da Cartilha: Sua Saúde Seu Direito! cuja temática será as drogas. A cartilha tem como objetivo, oferecer informações relevantes para o público adolescente e jovem que contribuam com o cuidado de sua saúde e exercício de seus direitos no SUS.

Todas as ações do projeto estão voltadas para o público adolescente e jovem, especialmente entre a faixa etária de 14 a 19 anos, residentes na RPA-4 do município de Recife. As oficinas ocorrem as terças e quintas, das 14h30 às 16h30, no “Lar Fabiano de Cristo”, instituição de ensino localizado na mesma região e que se mostrou interessada em apoiar o projeto.

3. Resultados



Baseadas no relatório parcial do projeto, em entrevistas com participantes e educadores e na participação nas oficinas de teatro, seguem as informações referentes ao andamento do projeto que teve início em março de 2013 com a elaboração de edital para seleção de educador e reuniões de planejamento para montagem de cronograma para o curso. Em maio houve a seleção dos jovens que participariam do projeto; para tanto foi exibido o vídeo “Minha vida de João” e realizada a escuta de reflexões e indagações dos adolescentes. Pretendia-se verificar o interesse dos candidatos, sem julgá-los exatamente por suas posições, mas pela expressão de engajamento com as questões a que foram chamados a analisar. Depois do momento com os jovens, a equipe de educadores colocou suas impressões sobre os participantes, levando-os a escolha final. Em seguida, ocorreu a primeira oficina com os jovens, na qual estes foram apresentados aos educadores, além disso, houve uma explicação minuciosa sobre o projeto, seus objetivos, métodos, duração e calendário. Neste momento inicial houve ainda uma reunião com os pais dos jovens com a mesma finalidade elucidativa – para confirmarem a concordância com a participação dos seus filhos no projeto, os pais assinaram uma carta de autorização referente à participação dos jovens no curso.

3.1. Primeiro módulo

A análise deste módulo é baseada no Relatório Parcial de Atividades (novembro, 2013) do projeto e nas falas da educadora Germana Nascimento e do educador Sirley Vieira. Há muito pouco de observação pessoal, pois só passei a acompanhar as oficinas em fevereiro, quando o primeiro módulo estava sendo encerrado – ele ocorreu entre maio de 2013 e fevereiro de 2014. O referido módulo contemplou formações sobre os seguintes temas: formação político pedagógica em gênero; direitos humanos (subtemas: racismo e preconceito; estado laico e Religiosidade); direitos sexuais e reprodutivos; AIDS e DST's; paternidade e cuidado; homens e saúde; diversidade sexual; drogas; redução de danos e violência e masculinidade. Um dos marcos das

18°REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



oficinas foi a elaboração pelos jovens, logo no início do projeto, do “Acordo de Convivência” onde foram estabelecidas de forma autônoma e horizontal as regras que deveria guiar a convivência coletiva. As regras vão desde respeitar a opinião do outro até manter os celulares desligados. Desde o princípio, as oficinas eram construídas com momentos lúdicos cujo objetivo era aproximar os jovens e promover o sentimento de pertencimento a um grupo, nesses momentos os jovens extravasavam sua energia e se divertiam.

De acordo com os educadores do projeto, nas oficinas busca-se garantir uma dinâmica não hierarquizada e/ou centrada na figura do educador, pelo contrário, os diálogos abertos são sempre incentivados e em caso de conflitos os educadores procuram fazer com que reflitam as várias dimensões de suas ações para a produção de uma postura crítica e de respeito ao coletivo. Em relação a desentendimentos entre os jovens, o grupo funciona de forma amigável e contempla eficazmente as solicitações dos educadores, de modo que não houve ocorrências que inviabilizassem o decorrer dos encontros.

No processo de educação popular adotado nas oficinas, a metodologia de trabalho utiliza-se da realidade do educando como base para as reflexões propostas. Deste modo as falas procuram dialogar diretamente com a compreensão de mundo do educando e com os desejos que os motivam. Por isso, as dinâmicas, interações e debates visam o abandono de uma hierarquia que distancie educadores e educando para que um e outro possam comunicar-se de forma mais autêntica e verdadeira. No entanto a partir de falas da educadora Germana e das poucas observações que pude fazer, é notório que em alguns momentos não houve sucesso na troca entre os educadores e os jovens: em alguns casos aquilo que era dito era compreendido de forma distorcida pelo educando, outras vezes os jovens não manifestavam suas opiniões, pois não haviam compreendido as falas anteriores. Compreendo que tais dificuldades se devam à complexidade dos temas tratados que envolvem diversas construções sociais e mexem com uma série de valores estabelecidos nos jovens. Além disso, em alguns momentos os jovens não receberam tão bem algumas temáticas que tocavam *afetivamente* suas visões de mundo.



Tendo sido necessário provocar e problematizar esses diversos entendimentos, a partir do princípio do cuidado e do respeito ao outro.

O resultado disso é que no decorrer do projeto os jovens se mostraram mais abertos aos diálogos e capazes refletir seus medos e preconceitos em relação ao que não conhecem. Isso fica nítido em falas como a de Washington, 17 anos: “antes eu era contra os gays e lésbicas, quando passavam na rua eu dizia ‘olha pra ali, que nojeira’, eu discriminava muito e hoje não acho que tenho preconceito”, a de Neto, 15 anos: “o projeto me ajudou a compreender as pessoas de outro modo, antes eu era machista, não gostava dos homossexuais e agora não sou mais assim” e a de Hilano, 19 anos: “o projeto mexeu comigo porque mudou minha forma de ver e julgar as coisas; antes eu tinha preconceito com homossexuais, hoje tenho amigos gays”. Além disso, ao falar de sua experiência no projeto, a educadora Germana Nascimento diz “iniciada na metodologia educacional através dos processos formais, descobri junto aos jovens um outro envolvimento no que diz respeito à troca afetiva de aprendizagens e a localização de um tipo diferenciado de compreensão do outro, mais profundo que a manipulação estrita de objetos de saber. Isto é, lidar com seriedade de questões que nos fazem enquanto gente em termos de valores e de dignidade amplia o sentido de formação”.

Já neste módulo alguns jovens precisaram sair do projeto seja porque começaram a estudar em colégios com horário integral, seja porque optaram por fazer cursos profissionalizantes ou porque precisaram colaborar com a renda familiar. Entendo que também isto está relacionado ao padrão hegemônico de masculinidade que atribui aos homens – ainda que jovens – a responsabilidade de serem provedores de renda e que obviamente se agrava diante da condição socioeconômica a qual estão submetidos. De acordo com o educador Sirley Vieira “por conta das exigências que se faz a população masculina de ser proativo, que devem serem ativos, se possível trabalhando e ganhando dinheiro logo cedo, provoca neles um sentimento de que participar de um processo desses, durante um certo tempo, pode ser entendido como inútil ou improdutivo. Aí vem o primeiro grande desafio: ‘como garantir a

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



cuidadosa e profunda das histórias de vida dos jovens, assim eles foram estimulados a trazerem fotos daquilo que descrevesse suas casas, a fazer cartas para si próprios daqui a dez anos, a investigarem e compartilharem como foi o seu nascimento, a trazerem fotos suas de bebê, a revisitarem sua infância, lembranças e sentimentos. Foi pactuado com os jovens que as experiências compartilhadas nestes momentos pertenciam exclusivamente ao grupo e, portanto, não saíam dali. Foram experiências bastante profundas e nem sempre fáceis, mas sempre pautadas pelo desejo dos jovens e pelo respeito à individualidade e à autonomia de cada um. Houve momentos em que alguns preferiram não falar, outros em que se emocionaram, mas a forma como os educadores conduziram todo o processo, desde o primeiro módulo, nutriu sentimentos de confiança que garantiram momentos sinceros de escuta e troca.

De acordo com a fala do educador Wagner “o trabalho com arte-educação é sempre desafiador, haja vista que no nosso mundo existe claramente uma divisão entre aquilo que é ‘útil’, ligado à inteligência e à razão, daquilo que deve ser controlado e dominado, ligado aos sentimentos e às emoções. Aprendemos, com o passar dos anos, quais locais e situações podemos nos permitir a sentir prazer, alegria, dor, sofrimento, saudade, amor, etc., sentimentos que devem vir à tona sempre de maneira tutelada, de forma excepcional. Na vida cotidiana, para obtermos sucesso, é preciso agir com a razão” e foi isso que o projeto tentou desconstruir, gerando outras formas dos jovens pensarem sobre si e suas vivências.

O grupo sempre foi muito entusiasmado com a ideia de peça e recebeu muito bem as atividades propostas, ainda que em alguns momentos alguns tivessem resistências pontuais. Isso ocorria especialmente quando as atividades requeriam contato físico entre os jovens ou quando precisavam se expor muito. Mas ao longo do processo eles estão bem mais desenvolvidos. Deste modo o roteiro foi ganhando forma: a dramaturgia foi elaborada pelo educador Wagner Montenegro, mas sempre partindo daquilo que foi estimulado e experimentado nas oficinas. O texto o tempo inteiro passou pela avaliação e



4. Conclusões

Deste modo, considerando que os homens desde jovens são submetidos a um processo de socialização que valoriza comportamentos de exposição e superação de riscos como prova de virilidade, provisão financeira da família e de expressão de poder por meio da violência, o consumo de drogas pode ser compreendido como um valor associado à socialização masculina, seja como passagem à vida adulta ou como prova de masculinidade ao longo da vida. Tal percepção em alguma medida foi reconhecida por alguns jovens como fica claro em falas como a de Anderson, 18 anos, “toda tarde uns meninos jogam bola e às vezes eu fico dentro da quadra vendo e uma vez um menino me perguntou ‘vai jogar não?’, eu disse ‘vou nada essa pelada é pra doido, vocês são muito violentos’ e ele disse ‘é pra doido não, é pra homem’”. Desta forma, a socialização de gênero incentiva ou condena certas práticas ligadas ao uso de drogas e seus contextos, de modo que a questão da socialização dos homens, atrelada e indissociada de outras, é essencial para compreender por que tantos homens jovens, negros e pobres estão envolvidos com situações de violência e porque os homens de maneira geral abusam mais de drogas.

Ao longo do desenvolvimento do projeto algumas dificuldades foram encontradas tais como a saída de muitos jovens – o projeto começou com 20 jovens e atualmente são oito –, alguns momentos em que houve dificuldades de compreender os temas que vinham sendo tratados – tanto por conta da sua complexidade quanto porque algumas temáticas tocavam afetivamente suas visões de mundo, a questão da educação de pares que não saiu conforme planejado e o atraso na execução da cartilha “Sua Saúde Seu Direito!”. No entanto, conforme a fala da educadora Germana “a continuidade de um esforço propositivo de outras práticas que levam até os jovens maneiras críticas de ação e reflexão compensa por não subestimá-los nem direcioná-los, mas por ver a potência reflexiva de cada um como um bem maior, e que deve ser utilizada como julgamento independentemente das prescrições sociais de normalidade e aceitação. Com isso, nós mesmos nos modificamos à medida

18°REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



que os convidamos para este processo, por reconvidarmo-nos enquanto educadores, reelegendo nosso papel e nosso compromisso que temos a assumir” descreve verdadeiramente a profundidade da experiência que vem sendo vivenciada pelos jovens e pela equipe. Além disso, falas como a de Gordo, 18 anos, nos faz crer que transformações importantes foram motivadas pelo projeto “o que faz mal não são as drogas, são as relações que as pessoas têm com elas”.

Outro ponto que consideramos bastante exitoso no projeto foi o contato dos jovens com a arte-educação que propiciou experiências transformadoras expressas na fala do educador Wagner Montenegro “quando falamos em um grupo formado por homens jovens, os arquétipos do machismo em que estamos inseridos ampliam ainda mais a ideia de domínio e controle sobre os sentimentos. Homem não pode chorar, não pode expressar carinho por outro homem. O toque, o abraço, o elogio, as lágrimas de emoção, se tornam um peso insustentável para nós, homens. A arte-educação, por outro lado, nos possibilita o reencontro entre a razão e a emoção. E foi a partir deste princípio que o trabalho com teatro no grupo de homens jovens do Instituto PAPAI foi desenvolvido”.

A breve análise feita do projeto percebe que ele é pautado pela ideia de que transformações efetivas não serão alcançadas enquanto os homens forem tratados apenas como culpados pela violência. De acordo com os alicerces que sustentam o projeto Homens Jovens Promotores de Saúde é preciso envolvê-los ativamente na construção de relações mais conciliadoras do que destrutivas. Essa concepção se opõe à ideia vigente de que os homens possuem uma natureza violenta e defende que a vivência de transformações sociais profundas só ocorrerá quando os homens estiverem envolvidos em ações de cuidado de si e do outro, fazendo-os repensar suas vivências e seus aprendizados.

REFERÊNCIAS



BARBOSA, D. L. & FREITAS, R. C. S. A invisibilidade dos homens no serviço de proteção social básica: um debate sobre gênero e masculinidades. *OPIS*, v. 13, n. 2, p. 58-83. 2013.

Instituto Avon e IBOPE. Percepções e reações da sociedade sobre a violência contra a mulher - 2009. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/nucleo/dados/pesquisa-avon-violencia-domestica-2009.pdf>. Acesso em: 20 out. 2014

IPEA. Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_feminicidio_leilagarcia.pdf. Acesso em: 20 out. 2014.

JEOLÁS, L. S. & PAULILO, M. A. S. Jovens, drogas, risco e vulnerabilidade: aproximações teóricas. *Revista Serviço Social*, Londrina, v. 3, n. 1, p. 39-60, julho/dezembro, 2000.

KEIJZER, B. Sexualidades e socialização masculina: "cuidem das suas galinhas que meu galo está solto". In: *Homens: tempo, práticas e vozes*/ Benedito Medrado, Jorge Lyra, Maíra Brito e Mônica Franch (orgs.). Recife: Instituto Papai, 182 p. 2004.

LIMA, E. H. Gênero, masculinidades, juventudes e uso de drogas: contribuições teóricas para a elaboração de estratégias em educação em saúde. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei v. 7, n. 2, p. 279-289, julho/dezembro, 2012.

Ministério da Justiça – Departamento Penitenciário Nacional. População Carcerária Brasileira (quinquênio 2003 – 2007): evolução e prognósticos. Comissão de Monitoramento e avaliação – Brasília, DF.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Prefeitura do Recife. Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife – 2005. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/pnud2005/>. Acesso em: 20 out. 2014.

WASELFSZ, J. J. Mapa da Violência 2014: os jovens do Brasil. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf. Acesso em: 20 out. 2014.

SOARES, C. B. Juventudes e saúde: concepções e políticas públicas. In: J. Dayrell, M. I. C. Moreira, & M. Stengel. Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Ed. Pucminas. 2011, p. 361-378.

IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – 2012. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/2012/pense_2012.pdf. Acesso em: 20 out. 2014.